

A teoria pulsional na clínica de Freud

Luiz Alberto Hanns
Rio de Janeiro, Imago, 1999

A teoria pulsional na clínica de Freud

Vera Lúcia Colucci

A teoria pulsional na clínica de Freud, de Luiz Alberto Hanns, é um trabalho de mineração ao revés: o autor toma a designação *pulsão* e a faz retornar ao seu veio original, o alemão de Freud. Como se fosse um mineral precioso retornado a seu nicho, o que vemos é a possibilidade de re-conhecer este conceito no campo maior de sua formação, em que a exposição das camadas de variadas extrações lingüísticas que o compõem nos permite reconstituir sua rica incrustação original, enlaçada a outras significações, e assim recuperar o variado campo semântico por onde a palavra-conceito flui. O autor faz contrastar a este levantamento do termo alemão, e outros a ele conexos teoricamente, as significações e conotações de termos consagrados pela tradução brasileira e nos faz perceber novidades clínicas.

Com um modo psicanaliticamente afinado de trabalhar as questões das transposições de termos de uma língua para outra, Hanns revela diferentes articulações teóricas e clínicas, de modo a quebrar a reverência à teoria já traduzida, impressa em livro, tornando-nos assim mais familiarizados com os significados dos termos e talvez mais precisos e criativos na clínica.

Partindo do princípio de que se deve levar em conta a unidade existente entre a linguagem e os conceitos no texto freudiano, Hanns busca simultaneamente as diferenças de significados dos termos psicanalíticos no português e no alemão e os encadeamentos e redes semântico-teóricas que se organizam ao longo do texto original. Com o olhar de estranheza do estrangeiro e a exigência de um investigador sofisticado, Hanns solidariza-se com o leitor brasileiro e procura levar-nos ao texto alemão de Freud, especialmente em suas qualidades expressivas, dadas pela significação e conotação.

Brasileiro de São Paulo, filho de pais alemães, sua intimidade com esta língua vem do berço: com a língua materna falada em casa, a frequência a uma escola alemã para sua educação formal e, posteriormente, com a experiência de ensino do mesmo idioma. À idade adulta, foi por 15 anos responsável por uma escola de língua alemã, produzindo material didático e tabelas de gramática contrastiva para alunos alemães e brasileiros, em que explorava os significados e conotações de termos em ambas as línguas. Após o curso de Administração de Empresas, na Fundação Getúlio Vargas, realizou mestrado em Economia. Só depois viria a cursar Psicologia na Universidade de São Paulo, quando então começa seus grupos de estudos com alunos de psicologia desejosos de ler Freud no original. As dificuldades e particularidades da apreensão do texto freudiano pelo leitor de língua portuguesa percebida nestes grupos levou-o à produção de uma apostila de termos da teoria, que tempos mais tarde se transformaria no *Dicionário comentado do alemão de Freud* (Imago, 1996).

É quase impossível, então, falar de *A teoria pulsional na clínica de Freud*, que é resultante de seu doutoramento sob a orientação de Renato Mezan, sem falar do seu *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Neste já está contida tanto uma importante discussão sobre as complexas questões de tradução como uma aprofundada exposição de como Luiz Hanns enfrenta os desafios do uso dos termos da teoria na linguagem corrente, contrastando o alemão com o português, de modo que se mantenha coerência com as significações do dizer freudiano. Parte desta investigação será desdobrada e particularizada em sua obra que é objeto desta resenha.

Todo este trabalho de recuperar os sentidos do termo pulsão aponta repercussões nada desprezíveis para a clínica. A suposição básica é de que:

... uma boa interpretação deveria manter-se em sintonia com o uso coloquial alemão (...). O manejo lingüístico freudiano (...) vincula aos conceitos psicanalíticos uma cota de sentido fenomenológico contido nas palavras alemãs coloquiais (...) (sendo que) a maioria dos termos psicanalíticos (...) está vinculada às palavras que as designam (p. 23).

Ou seja, todo simbólico está atado ao fenomenológico, mesmo que seja por uma cota!

Vale dizer ainda que neste livro Luiz Hanns não está preocupado com as reformulações do conceito de *pulsão* ao longo da obra de Freud, mas em revelar as tramas semântico-psicanalíticas em que percorre o conceito sem que se perca sua coerência. Seu objetivo é permitir melhor instrumentalização para a escuta psicanalítica, uma escuta dos conflitos pulsionais contidos nos múltiplos planos em que ocorre a fala do paciente no curso da sessão. Assim, Hanns, a meu ver, nos ajuda a escapar de um entendimento estereotipado do termo pulsão, que pode mumificar e empobrecer nossa escuta.

Sua linguagem é clara, fluente, destra com o uso das palavras. Com o propósito de bem expressar-se em linguagem corrente, não se nega a usar palavras inéditas em textos psicanalíticos em português, tais como *arranhar e tesão*, para designar significados de termos do alemão que correspondem ao que é efetivamente experimentado na clínica.

Bastaria o cumprimento de seu objetivo de dar maior vivacidade e fluência ao texto teórico e sua respectiva repercussão clínica para podermos dizer que este é um livro de grande importância para nós psicanalistas brasileiros e para a psicanálise no Brasil.